

E-BOOK: A LITERATURA DIGITAL GANHA ESPAÇO

Maria José Leivas¹

RESUMO

Este artigo aborda o surgimento do e-book, o livro digital, em escala comercial, analisa as circunstâncias em que esse novo suporte aparece e reflete sobre as vantagens e desvantagens da nova tecnologia a partir do ponto de vista de diferentes autores. Atenta para os riscos da digitalização em massa substituindo as obras impressas e conclui afirmando a possibilidade da co-existência do livro impresso e do livro digital, na medida em que tecnologias podem ser superadas mas não destruídas.

Palavras-chave: E-book. Livro digital. Tecnologia digital. Literatura digital.

1 INTRODUÇÃO

Afirmar que estamos, definitiva e irremediavelmente, mergulhados no mundo digital já é lugar comum. A onipresença dos bytes é incontestável em todos - ou quase todos - os momentos do nosso cotidiano, quer estejamos assistindo TV, ouvindo música, falando ao telefone, ou enviando-recebendo correspondência via e-mail. Isso não é mais novidade: já incorporamos a cibercultura ao nosso dia-a-dia e usufruímos sem maiores dificuldades da sua versatilidade.

Entretanto, alguns avanços ainda podem provocar estranhamento e suscitar polêmica quanto à sua viabilidade/eficiência e potencialidade para afetar as relações culturais do homem. É o caso do e-book, o livro digital. No começo de 2009, alguns dos principais fabricantes mundiais de equipamentos eletrônicos devem lançar no mercado europeu, comercialmente, novas linhas de e-books, aparelhos portáteis leitores digitais, com maior resolução do texto na tela, permitindo sua leitura em qualquer lugar e horário sem necessidade de uma lâmpada acesa por

¹Aluna do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho realizado como pré-requisito para avaliação da disciplina: Produção de Documentos Eletrônicos, ministrada pelo Prof. Alexandre Semeler. Porto Alegre, novembro de 2008. E-mail: zwaquil@yahoo.com.br.

perto, alguns pesando menos de 100 gramas. Estes novos modelos foram a grande novidade da última Feira do Livro de Frankfurt, a maior do mundo no gênero, que aconteceu na segunda quinzena de outubro, e o diferencial desses aparelhos portáteis é exatamente a tecnologia de papel utilizada, propícia para evitar a fadiga ocular, que normalmente ocorre com a leitura em monitores de computador ou celulares. Entrarão em comercialização o Kindle, da livraria Eletrônica Amazon; o Reader, da Sony; e o Readius da Polymer Vision, a preços variando entre 200 e 600 euros.

E para que não se pense que a literatura digital está longe de nós, o Caderno Digital encartado no Jornal Zero Hora do último dia 5 de novembro estampava a manchete: *A Praça é dos e-books: Feira do Livro terá inédita sessão de autógrafos de livro eletrônico*. Na reportagem, a primeira frase parece revelar o caráter ainda de estranhamento do novo equipamento ao perguntar, em tom de brincadeira, como é que se autografa um livro em formato digital.

Será o início de uma disputa de espaço entre o livro impresso e o livro digital, até sob os jacarandás da Praça da Alfândega? Numa perspectiva menos poética, será esta uma nova revolução no mercado editorial mundial, à exemplo do que aconteceu ainda bem recentemente com o mercado fonográfico, quase extinto pela distribuição de músicas via computador? As bibliotecas passarão a ter acervos totalmente digitalizados? É o fim do papel como suporte de textos literários e/ou científicos?

São questões que trazem, mais uma vez, à discussão o impacto das novas tecnologias no modo de agir e de pensar no homem contemporâneo. Sua relação com o mundo real e das idéias têm sido constantemente modificado, especialmente nas últimas décadas, com os avanços científicos e tecnológicos. E a tentativa de popularização do e-book, parece trazer novamente tensão entre o mundo virtual e o mundo concreto, tangível. Em última análise, entre homem e a máquina.

2 AS TRANSFORMAÇÕES

No âmbito cultural, podemos dividir a trajetória da humanidade em seis eras, conforme ensina Santaella (2003): oral, escrita, impressa, de massas, das mídias

e digital, nosso atual estágio de desenvolvimento. Aprendemos a falar com as telas, sejam elas de computadores, de celulares, etc., nascendo assim, uma “cultura da velocidade e das redes, trazendo consigo a necessidade de simultaneamente acelerar e humanizar a nossa interação com as máquinas.” (SANTAELLA, 2003, p. 82).

É neste contexto então que estamos assistindo ao surgimento do e-book, que traz as escrituras via aparelhos eletrônicos acessáveis em qualquer lugar do planeta, e com vantagens, já que a digitalização permite a compressão de dados e correção de erros. Ou seja, podemos levar uma biblioteca inteira num leitor de e-book.

Atualmente, as obras literárias digitalizadas – as de domínio público como os clássicos de Machado de Assis, por exemplo, já são amplamente distribuídas pela internet em arquivos de texto – ainda apresentam leitura linear, sem a introdução de hiper-mídias. Entretanto, conforme explica Santaella (2003), as quatro formas principais da comunicação humana – o documento escrito, o áudio-visual, as telecomunicações e a informática – foram fundidas em um único setor do todo digital, processo esse que vem sendo chamado de “convergência das mídias”. Portanto, é possível prever que num futuro muito próximo, os textos dos e-books venham acompanhados de som, imagens em animação, hiper-textos, etc.

2. PRÓS E CONTRAS

Essas mudanças profundas no processo da leitura, porém, ainda estão longe de atingir um consenso, tanto entre os leitores comuns quanto entre alguns próprios intelectuais da era digital.

Entre a população em geral, o livro impresso tem um importante peso cultural que deve emperrar uma maior popularização da literatura digital a curto prazo. É comum ouvir-se falar do prazer das pessoas em segurar um livro, de folhear páginas, de sentir o cheiro do papel e principalmente de fazer anotações nas margens. O mesmo tipo de queixa feita ao CD e mais recentemente ao MP3, que retiraram a “alma” da música, segundo os mais puristas. Os resultados de uma pesquisa realizada última Feira do Livro de Frankfurt entre mais de mil expositores

de 40 países mostraram que um terço dos entrevistados acreditam que a venda de conteúdo digital nunca superará a dos livros tradicionais.

Nicholas Negroponte (1995), por sua vez, acredita que a palavra escrita impressa, pura e simplesmente, “estimula a formação de imagens e evoca metáforas cujo significado depende, sobretudo, da imaginação e das experiências do leitor”, ao contrário da narrativa multimídia, que “tal qual um filme de Hollywood, inclui representações tão específicas que deixa cada vez menos espaço para a fantasia.” (NEGROPONTE, 1995, p. 13).

Do mesmo modo, Lúcia Leão (2001) aponta para o aspecto duplo e paradoxal da experiência hipermediática. Segundo ela, ao mesmo tempo em que é prazeroso estarmos conectados com o resto do planeta, “sofre-se para manusear uma profusão de dados. Senti vertigem e a necessidade de voltar o tempo todo à já conhecida e segura tecnologia do texto impresso linearmente.” (LEÃO, 2001, p. 25)

A digitalização indiscriminada de acervos para permitir a leitura da obra em leitores de e-book também tem motivado discussões. Grande parte da informação produzida hoje já nasce digital e as que estão em suportes convencionais estão rapidamente sendo convertidas para formatos digitais, que vão substituir a impressão em papel. Neste sentido, Sayão (2005) alerta para o fato de que “a nossa compulsão em produzir informações digitais é infinitamente superior à nossa capacidade de preservar o acesso a elas.” (SAYÃO, 2005, p. 113). Sabe-se que, no que diz respeito à preservação, a tecnologia digital em comparação com a impressão tradicional, é um suporte extremamente frágil e instável. Portanto, ele alerta para o risco da perda irreversível dos estoques digitais, afirmando inclusive que a “tecnologia digital coloca a humanidade sob o risco de uma amnésia digital, que já está em curso.” (SAYÃO, 2005, p. 112).

Os mais otimistas e menos refratários às novas tecnologias, entretanto, saúdam a novidade e acreditam que a conjunção de fatores como preço x portabilidade x alta resolução tornarão o e-book tão popular quanto o e-mail, que já há muito dominou a comunicação interpessoal (hoje já sendo ultrapassado, inclusive, por ferramentas ainda mais ágeis como MSN, Twitter, etc).

3 UMA CONVIVÊNCIA POSSÍVEL

A tensão entre livro impresso e o e-book, apesar de real, não deverá encontrar sustentação por muito tempo. Patrono da última Feira do Livro de Porto Alegre, o escritor gaúcho Charles Kiefer é categórico ao afirmar: “as tecnologias são superadas, não destruídas. O e-book não vai destruir o livro de papel [. . .]” (KIEFER, 2008).

Santaella (2003) também compartilha do mesmo ponto de vista ao afirmar que nenhuma era cultural desapareceu com o surgimento de outra. Ou seja, apesar dos avanços tecnológicos, a cultura oral continua existindo, assim como a escrita e a imprensa:

[. . .] vivemos um período de sincronização de todas as linguagens e de quase todas as mídias que já foram inventadas pelo ser humano. Todas as seis eras culturais coexistem, convivem simultaneamente na nossa contemporaneidade. Continuamos a conviver com grupos de discussão presenciais, as formas antigas de escrita ainda alimentam o imaginário de artistas e *designers*, continuamos a frequentar salas de concerto e a visitar museus, os circos ainda se instalam nos arredores das grandes e pequenas cidades, as camadas populares continuam a tomar conta das praças públicas. (SANTAELLA, 2003. p. 78)

Da mesma forma, Pierre Lévy (1993) aposta numa convivência pacífica e simultânea de diferentes tecnologias. Ele afirma que os “três pólos do espírito” – o pólo da oralidade primária, o pólo da escrita, e o pólo informático-mediático – não são eras: “não correspondem de forma simples à épocas determinadas. A cada instante e a cada lugar, os três pólos estão sempre presentes, mas com intensidade variável.” (LÉVY, 1993, p. 123).

Assim, ao mesmo tempo em que percebemos essa transformação radical na natureza do processo de leitura, assistimos também o surgimento de grandes e modernas bibliotecas em arrojados projetos arquitetônicos com acervos em suportes os mais variados. A nova Biblioteca de Alexandria, por exemplo, uma versão ultramoderna da biblioteca fundada em 295 a.C. pela dinastia dos Ptolomeu, foi inaugurada em 2002 no Egito, em plena era digital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda revolução - e as tecnológicas não fogem à regra - traz incertezas. O rádio correu riscos com a chegada da televisão, o cinema sentiu-se ameaçado com o videocassete, e os discos sonoros (LP ou CD) perderam espaço para o download de músicas. Entretanto, o que se vê é não o desaparecimento de uma tecnologia soterrada por outra. Pelo contrário: o antigo disco de vinil volta a ganhar mercado e grandes lançamentos literários movimentam livrarias e Feiras por todo o mundo. Temos, então, uma complexificação de processos, uma superposição de suportes, alguns predominando sobre outros por diferentes razões, mas co-habitando o universo cultural contemporâneo.

É impossível garantir que essa coexistência continuará indefinidamente. É possível que as tecnologias propiciadoras da cibercultura absorvam todas essas formas para dentro de sua própria lógica. Mas também é possível, e mais do que isso, desejável, que a vocação humana para os desdobramentos e para a multiplicidade em todos os sentidos e em todas as áreas predomine sempre.

REFERÊNCIAS

KIEFER, Charles. A Praça é dos e-books. *Zero Hora*. Porto Alegre, 5 nov. 2008. Caderno. ZH Digital, p. 1 e 4.

LEÃO, Lucia. *O Labirinto da Hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: FAPESP, 2001.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Tradução Sérgio Tellaroli. Supervisão técnica Ricardo Rangel. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTAELLA, Lucia.. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. Coordenação Valdir José de Castro. São Paulo: Paulus, 2003.

SAYÃO, Luis Fernando. Preservação Digital no Contexto das Bibliotecas Digitais: uma breve introdução. In: MARCONDES, C. H.; KURAMOTO, H.; TOUTAIN, Lídia Brandão; SAYÃO, Luis Fernando (org.) *Bibliotecas Digitais: saberes e práticas*. Salvador: UFBA: IBICT, 2005. P. 115-149.

